

REVISTA MARACANAN

Dossiê

Três papagaios e o Brasil na Segunda Guerra Mundial: disputas representacionais e o cotidiano da guerra

Three parrots and Brazil in World War II: representational disputes and daily war

Marina Helena Meira Carvalho*

Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Recebido em: 05 jan. 2022.

Aprovado em: 09 jun. 2022.



Esta pesquisa foi realizada com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Brasil com bolsa de doutorado e bolsa do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior ofertada pela mesma instituição (PDSE-CAPES).

* Doutora em História e Culturas Políticas pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestra e graduada pela Universidade Federal de Minas. Integrante do grupo de pesquisa *Projeto Brasileira: Escritos e Leituras da Nação*. (marinahmc@yahoo.com.br)

 <https://orcid.org/0000-0002-0756-3995>

 <http://lattes.cnpq.br/6465577669211146>

Resumo

As disputas políticas também envolvem disputas representacionais. Este artigo analisa fontes documentais sobre três papagaios, todas elas do período pós alinhamento do Brasil aos Aliados, durante a Segunda Guerra Mundial. Problematisa-se o que elas dizem sobre o contexto político e o cotidiano de guerra brasileiro. O primeiro papagaio é o Zé Carioca, animação criada pela Disney em 1942 como símbolo da brasilidade e da Política da Boa Vizinhança e que ganha grande repercussão na imprensa brasileira. A segunda fonte é uma anedota de um papagaio de um judeu na Alemanha, a qual circulou em uma revista brasileira de variedades, em 1945. O último papagaio, o único dos três que não é obra de ficção, aparece em um relatório do Departamento de Imprensa e Propaganda sobre um crime que foi enquadrado como político. A análise dessas três ocorrências nos permite iluminar o contexto político brasileiro durante a Segunda Guerra Mundial e, ao mesmo tempo, analisar o quanto uma guerra, chamada de guerra total, adentrou o cotidiano dos brasileiros. Para isso, nos apoiaremos principalmente nos conceitos de representação e batalha representacional de Chartier. Analisaremos como esses três papagaios foram representados e como esses elementos nos informam não objetivamente sobre um contexto estudado, mas sim como seus atores se posicionavam politicamente diante dele. Concluímos que as representações de guerra são em si ações políticas, nutridas de concepções, intencionalidades e visões de mundo. Quando esses três papagaios ganham narrativas de forma indissociadas da guerra, elas acabam por ajudar a moldar a percepção da própria guerra, exprimindo experiências, expectativas e intenções.

Palavras-chave: Batalha representacional. Segunda Guerra Mundial. Guerra total. Política da Boa Vizinhança. Cotidiano

Abstract

Political disputes also involve representational disputes. This paper aims to analyze sources on three parrots, all from the post-alignment period between Brazil and the Allies during the World War II. What they say about the political context and the daily life of the Brazilian war is discussed. The first parrot is Joe Carioca (Zé Carioca), an animation created by Disney in 1942 as a symbol of brasilidade and the Good Neighbor Policy. The second source is an anecdote of a Jew's parrot in Germany, which was circulated in a Brazilian general interest magazine in 1945. The last parrot appears in a Departamento de Imprensa e Propaganda report, the only non-fiction parrot among them, describing a crime that was seen as a political crime. The analysis of these three occurrences allows us to illuminate the Brazilian political context during the Second World War and, at the same time, analyze how much a war, called all-out war, entered the daily lives of Brazilians. For this, we will mainly rely on Chartier's concepts of representation and representational battle. We will analyze how these three parrots were represented and how these elements inform us not objectively about a studied context, but rather how their actors were politically positioned in front of it. We conclude that representations of war are in themselves political actions, nourished by conceptions, intentions and worldviews. When these three parrots gain narratives that are inseparable from the war, they end up helping to shape the perception of war itself, expressing experiences, expectations and intentions.

Keywords: Representational battle. World War II. Good Neighbor Policy. The everyday life.

Durante a Segunda Guerra Mundial, tanto o Eixo quanto os Aliados buscavam alianças político-ideológicas e parceria comercial dos demais países. O Brasil manteve-se neutro, posicionando-se oficialmente apenas em janeiro de 1942, quando rompeu relações diplomáticas com os países do Eixo. Em agosto do mesmo ano, declarou guerra à Alemanha e Itália, após afundamento dos navios brasileiros. Tanto Estados Unidos quanto Alemanha exerceram poderosa influência sobre o Brasil. Essa influência não foi apenas econômica e militar, como também cultural,¹ movimentando intensa batalha representacional, a qual não desaparece nem ao menos após o posicionamento do Estado Novo. Este artigo analisa um evento que ilumina uma batalha representacional.

Alinhamo-nos com a análise de Roger Chartier, para quem “não há práticas ou estruturas que não sejam produzidas pelas representações, contraditórias e afrontadas, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido a seu mundo” (CHARTIER, 2002, p. 66). Analisaremos a figura do papagaio, em época de alargamento da esfera pública, como uma janela para problematizar as discussões e vivências políticas daquela época. Os papagaios estudados foram representados atrelados, eles próprios, à guerra. Cada uma dessas representações demonstra uma visão política própria, com suas concorrências e competições, poderes e dominações. (cf. CHARTIER, 1990).

A noção de representação desenvolvida pelo historiador Roger Chartier nos é bastante instrumental pela possibilidade que a mesma abre de aproximação entre cultura e política, colocadas em diálogo, na perspectiva desse autor (CARDOSO & MALERBA, 2000, p. 236). As representações, na abordagem de Roger Chartier, são instituições sociais e também matrizes das práticas que constroem o próprio mundo social (CHARTIER, 2002, p. 72), impulsionando o reconhecimento de uma identidade social, de uma maneira própria de estar no mundo (*Ibidem*, p. 73; CHARTIER, 1990, p. 23).

Uma vez que uma dada realidade só poderia ser investigada pela mediação das representações construídas sobre ela, o papel do historiador seria, segundo Chartier, “a compreensão dos modos de classificação, divisão e delimitação por meio dos quais cada agente social organiza e categoriza a apreensão do mundo, considerando-se que as percepções do social não são discursos neutros, mas, ao contrário, espaços de *lutas de representação*” (VENANCIO, 2014, p. 299).

¹ Segundo Joseph Nye Jr (2002 ; 2004) existem dois poderes que um país exerce sobre os demais, gerando influência. O *Hard power* seria composto pelos poderes econômico e militar. Já o *Soft power* seria o poder que levaria os outros a desejarem o mesmo que você deseja, sem o uso da coerção ou pressão financeira/suborno, mas pela sedução, atração da cultura, dos valores/ideais políticos e pela política externa.

Sua proposta historiográfica evidencia as disputas representacionais, as quais são organizadas e organizadoras das hierarquias e divisões sociais (VENANCIO, 2014, p. 14). Dessa forma, Chartier pensa as representações em dupla acepção:

uma que pensa a construção das identidades sociais como resultado sempre de uma relação de força entre as representações impostas por aqueles que têm o poder de classificar e nomear e a definição, submetida e resistente que cada comunidade produz de si mesma; a outra que considera o recorte objetivado como a tradução do crédito concedido à representação que cada grupo faz de si mesmo, portanto à sua capacidade de fazer com que se reconheça sua existência a partir de uma exibição de unidade (CHARTIER, 2002, p. 73).

Valendo-nos da proposta de Chartier (1990, p. 16-17), analisaremos como a figura de papagaios foram construídas, pensada e dada a ler, sendo ela própria imbricada em uma cultura de guerra. Essa cultura permeava pelas disputas de aproximação e afastamento com os países do Eixo e Aliados, mesmo após a saída da neutralidade, em 1942.

Problematizaremos a figura do papagaio sendo apropriada de três formas diferentes, todas elas relacionadas ao contexto político de guerra. Ao mesmo tempo, esse acontecimento serve de mote para pensarmos sobre como a Segunda Guerra foi percebida pelos seus contemporâneos brasileiros. A guerra teria sido sentida mesmo tão longe dos campos de batalha? Teria causado consequência no cotidiano do país?

Sobre guerra e papagaios

O papagaio há muito tempo faz parte do repertório imaginário que remete ao Brasil. Desde a carta de Pero Vaz de Caminha, a exotividade e as cores vibrantes da ave e a característica de imitar a voz humana – levando muitos europeus a acreditarem que o papagaio era um ser racional – chamaram a atenção. Não é difícil achar menções a eles, tanto em fontes escritas como iconográficas.² No período colonial, grande número de aves vindas do Novo Mundo eram exportados para a Europa e, dentre elas, os papagaios se destacavam (cf. TEIXEIRA, 2017). Devido a isso, foi comum o território do atual Brasil fosse chamado de *Terra Papagalli* nos primórdios de sua invasão (TOLEDO, 2016).

Apesar da figura do papagaio remeter ao Brasil segundo o olhar estrangeiro, os brasileiros não adotaram o papagaio como símbolo nacional, presente em sua iconografia cívica, tal qual a águia é para os estadunidenses. O papagaio não se encontra nem mesmo entre os animais escolhidos para serem representados nas atuais cédulas do Real. Talvez isso seja explicado pela ambiguidade de valores atribuídos à ave.

Sergio Buarque de Holanda (1969, p. 231-236) conta que em algumas obras medievais os papagaios aparecem como aqueles que haviam acompanhado Lúcifer quando este decaiu do

² Um exemplo é o planisfério de Cantino, de 1502, no qual representa um *mapa-mundi* e, na parte correspondente às américas, são representadas três aves, que, ao que tudo indica, são araras vermelhas. Naquela época, entretanto, era comum usar o termo papagaio como um guarda-chuva que abrigava várias espécies de psitacídeos, tal como arara, periquito e o próprio papagaio. A própria carta de Caminha descreve “papagaios vermelhos”, tal qual representado no mapa.

céu. Em outras, eram tidos como aves do paraíso. Portanto, a valorização ou detração da peculiar ave possui longo histórico. Da mesma forma, a natureza e os povos originários do território que hoje se configura como o Brasil também recebiam ora características divinas e ora diabólicas, falando muito mais do olhar do outro do que diretamente sobre a figura representada.

No início do século XX, o papagaio foi escolhido para representar os congressistas e parlamentares brasileiros em caricaturas que circulavam em revistas (OSTOS, 2014). O animal era símbolo de uma crítica aos legisladores, pois, tal qual o animal, aqueles repetiriam em exaustão os mesmos comportamentos e ações. O uso metafórico do papagaio atribuía uma visão pejorativa aos parlamentares. Ou seja, a própria ave também era vista de forma negativa. Segundo Natasha Ostos,

Nos textos e desenhos publicados essas aves, tão comuns no país, apesar de sua bela plumagem, de sua bulha alegre e festiva, configuravam uma praga, pois atacavam as plantações em bando, ceifando o produto do trabalho alheio e deixando para trás prejuízo e desolação. Além do mais, elas estavam associadas à produção de uma "fala" vazia, já que esses pássaros tem a capacidade de repetir vocábulos humanos, mas sem necessariamente compreendê-los, o que também remete à ideia bastante vigente na época de que os parlamentares se limitavam a reproduzir, de forma adestrada, os comandos do Executivo (*Ibidem*, p. 103).

Portanto, legisladores e papagaios compartilhariam, segundo aquelas revistas, as características de serem como uma praga, exploradores da produção alheia, falarem coisas sem pensar, vazias e possuírem comportamentos repetitivos. Apesar de terem significado negativo quando apareciam nas charges, na mesma época um papagaio é escolhido por Walt Disney para representar os brasileiros.

Zé Carioca foi criado após viagem do estadunidense e de sua equipe ao Brasil. Sua primeira aparição foi em *Alô, Amigos* (1942) e, devido ao sucesso, foi de novo às telas dos cinemas das Américas com o filme *Você já foi à Bahia?* (1944).³ O personagem, cujas cores coincidem com as da bandeira nacional, dividiria características com a população do Brasil: seria malandro, bom anfitrião, receptivo, cordial, inteligente, alegre, animado, conhecedor da cultura nacional, do samba e das paisagens naturais. Portanto, o papagaio alimentou uma visão estereotipada do outro sobre o Brasil. Ele foi escolhido para recepcionar e acompanhar o Pato Donald em sua viagem a este país, sambar, tomar cachaça e falar inglês. A proximidade com os Estados Unidos ultrapassa a amizade entre as aves e também pode ser inferida pelas cores presentes na cauda do papagaio: azul e vermelho, assim como a bandeira do país vizinho.

Zé Carioca, representando o olhar do estrangeiro sobre os brasileiros, seria acolhedor e receptivo e estaria envolto de paisagens naturais belíssimas. De certa forma, estas ainda são características tidas como parte da identidade brasileira, tanto atribuídas pelos estrangeiros, quanto autoatribuídas pelos brasileiros (LOCASTRE, 2012, p. 67). Dessa tensão, confluência e negociação entre o olhar dos contemporâneos sobre si mesmo e dos estadunidenses sobre o Brasil, nasceu o Zé Carioca (AMACIO, 2000, p. 53-59). Como ressalta Chartier, a tentativa de

³ Neste artigo não faremos uma análise audiovisual dos filmes em que Zé Carioca aparece. Nosso objeto de interesse é a própria figura do Zé Carioca bem como o circuito social do filme.

imposição daquele que detem o poder é entremeada por negociações e resistências da comunidade, a qual também produz representações sobre si mesma (CHARTIER, 2002, p. 73).

Em um artigo intitulado "Alô, Amigos", de 22 de março de 1942, publicado pela *Fon-Fon* e não assinado, é apresentado o filme de mesmo nome, o qual seria lançado em breve. Segundo ele,

Em "Alô, Amigos!" Walt Disney apresenta um novo e sensacional personagem. Um personagem que irá, por certo, "abafar". Trata-se do nosso papagaio transformado em astro de primeira grandeza e que faz a sua estreia ao lado do famoso pato "Donald". Zé Carioca é o nome com o qual é ele apresentado ao mundo e à glória.

A sequência "Aquarela do Brasil" marca, apenas, o início de uma série de filmes que Disney pretende fazer tendo por base a nossa música, os nossos costumes e os nossos ambientes. Já estão mesmo em confecção outros filmes inspirados nas nossas cousas, e muitos deles "estrelados" por Zé Carioca, a quem afirma Disney, está destinada uma bela carreira. Nesses próximos filmes serão aproveitadas a música e muitas outras ideias levadas por Disney e seus artistas, sobre o Brasil e os brasileiros.

Disney interessou-se, particularmente, pela nossa música, tanto a popular como a clássica, bem com pelos aspectos do nosso país, considerando o que é nosso extraordinariamente adequado ao desenho animado.

O primeiro trabalho de Disney inspirado no Brasil por certo despertará no coração de cada brasileiro um sentimento de gratidão a esse homem que soube tão bem transportar para a tela nossa beleza, fazendo da nossa terra a maior propaganda que se poderia fazer. (FON-FON, 22 mar. 1942, s/p.)

A matéria ocupa página inteira e possui dois recortes imagéticos do filme, ainda não lançado. No primeiro, uma pintura de uma praia do Rio de Janeiro, com barcos velejando, coqueiros e o pão de açúcar ao fundo, ressaltando as belezas naturais. No segundo recorte, Zé Carioca é apresentado visualmente ao público. Ao lado de Pato Donald, o papagaio traja sua roupa típica do sambista brasileiro: um blazer, uma gravata borboleta, um chapéu, um guarda-chuvas. As duas aves, o pato e o papagaio, dançam. O cenário é composto das famosas calçadas de Copacabana. O Rio de Janeiro é situado entre o folclore e a cultura erudita, a natureza e a modernidade.

Segundo a descrição do artigo, Zé Carioca aparece como um sucesso, mesmo antes de sua estreia. Ainda é previsto sua longevidade e participação em outros filmes, como de fato aconteceria. E não apenas em filmes, pois, o papagaio também se tornou um sucesso em histórias em quadrinhos.

O artigo, publicado em uma revista brasileira, ainda apela muito ao pertencimento dos leitores. O pronome possessivo da primeira pessoa do plural "nossa(s)/nosso(s)" aparece diversas vezes, assim como a nacionalidade, "brasileiros". Estes aparecem para demarcar que aquilo visto no filme "nos" pertence: é a nossa música que encantou os estadunidenses, nossas coisas que são super adequadas para produções cinematográficas, é a nossa terra que os inspira. Essa narrativa se apropria da figura do Zé Carioca de forma com que ele fosse condizente com a forma brasileira de autoidentificar e de se ufanar do Brasil. O orgulho pelas coisas nacionais –

a música clássica e popular, os costumes, o ambiente – condizem, ainda, com o discurso nacionalista do Estado Novo.⁴

O artigo passa a impressão de que tais elementos teriam sido basicamente reproduzidos no filme. Com isso, apaga-se o olhar do outro sobre o nacional durante a produção. O filme é concebido como duplo do real, ao invés de um trabalho de seleção, apropriação e representação. Ao Disney caberia “transportar para a tela nossa beleza”, segundo a revista. E não traduzi-la em uma outra linguagem, própria da animação. Trabalho este que envolve seleções sobre o que se deve representar e omitir, bem como interpretações daquilo que se vê. Assim, conforme o artigo, o Brasil seria tão responsável pelo sucesso do filme, já que de lá sairia a inspiração, quanto a equipe Disney.

Muito da forma com que um objeto é representado aponta para seu próprio autor, com seus filtros culturais, sua forma de enxergar o mundo.⁵ Disney realiza aquilo que Hartog (1999, p. 229) chama de tradução, ou seja, “inscrever o mundo que se conta no mundo em que se conta”. Possuía, ainda, intencionalidades política em sua produção, não sendo, portanto, uma simples “transportação”.

O filme representa muito mais que a amizade entre duas aves e torna-se metonímia da união entre Brasil e Estados Unidos, da Política da Boa Vizinhança. *Alô, Amigos* é lançado, não por coincidência, no mesmo ano em que o Brasil rompe relações diplomáticas com o Eixo, e oficialmente se junta aos Aliados. Um ano antes, o próprio presidente dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt, havia solicitado que Walt Disney fizesse parte da caravana da boa vontade, uma viagem de estrelas americanas para a América Latina (LEITE, 2002, p. 64).

Os filmes da Disney foram criados sob demanda e com verba do *Office of Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA), uma grande agência estadunidense oficial, com parceria com os setores privados, a qual tinha por função a interligação econômica, política e cultural das Américas, sob liderança dos Estados Unidos e afastamento da influência dos países do Eixo.⁶ Consideravam as mídias como ferramenta privilegiada de conquista de aliados, por meio da “conquista de seus corações” (TOTA, 2020, p. 90; p. 180). No meio de pesados investimentos em rádio, cinema, música, livros e publicidade, a animação também teve o seu lugar. Com a produção de dois filmes os estúdios Walt Disney ganharam um montante de cem mil dólares (LEITE, 2002, p. 64-65), o que possibilitou a sua manutenção e recuperação econômica (VELLOSO, 2021, p. 29).

Uma propaganda do filme, inclusive, possui indícios de sua participação no projeto do OCIAA. Ela compartilha um selo típico da agência, o qual apareceu em muitas outras publicidades feitas por demanda do Projeto Publicitário desta agência.

⁴ Sobre o discurso nacionalista do Estado Novo, dentre outros, cf. LENHARO, 1986.

⁵ Sobre a noção de filtros culturais, cf. GINZBURG, 1987, p. 11-13.

⁶ Sobre o OCIAA cf. SALDIER, 2012; ROSENBERG, 1982; TOTA, 2000; MOURA, 1988; MONTEIRO, 2012; ZAGNI, 2014.

Figura 1 e 2 – Publicidade do Filme “Alô, Amigos” e recorte ampliado de elemento da mesma



Fonte: *FON-FON*, 22 ago. 1942. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

O anúncio contém o Zé Carioca e símbolos de natureza, que parece ser uma folha estilizada de palmeira e uma grama, ao fundo. Ele ressalta que o filme é sobre o Brasil. O selo mencionado, ampliado na segunda imagem possui o “V” da Vitória, símbolo muito comum entre os Aliados durante a Segunda Guerra. Dentro do “V” está escrito os dizeres “América Livre e Unida”. Mesmo que o filme não fale sobre o nazismo, e sim sobre a união e a amizade entre as Américas, a publicidade ressalta que aquela amizade e união seriam importantes para alcançar a vitória e manter os ideais da Doutrina Monroe de América para os Americanos. Os dizeres “livre e unida” remetem a crença de que a Segunda Guerra era uma nova ameaça da Europa ao Novo Mundo e, caso o Eixo vencesse, a liberdade do continente estaria comprometida.⁷ Em muitas fontes é mencionado, inclusive, que o destino das Américas seria, nesse cenário, a escravidão.

Embora o selo seja um indício para nós, pesquisadores, de sua integração a um projeto do OCIAA, não podemos afirmar que o mesmo seja perceptível aos seus contemporâneos. Didi-Huberman (1998) ressalta que as imagens ultrapassam a dimensão do mundo do saber – uma vez que ver não significa necessariamente saber. A agência estadunidense recomendava, em seus mais variados projetos, a remoção de etiquetas explicitamente oficiais que creditassem a iniciativa governamental. Da mesma forma, Walt Disney deveria aparentar não estar fazendo

⁷ Nas fontes deste período é comum encontrarmos menção à América do Norte, Central e do Sul como se fosse um único continente ou hemisfério.

política e que a sua produção seria uma mera iniciativa cinematográfica, obra de boa vontade entre as Américas (VELLOSO, 2021, p. 30).

Neste contexto um papagaio torna-se, a partir do olhar do outro, mas também de apropriação nacional, símbolo de brasilidade. Uma brasilidade aliada aos Estados Unidos na economia, cultura e política. Ao que tudo indica, o filme foi bem recebido. Vargas, sua família e amigos teriam ficado entusiasmados e assistidos a película por diversas vezes (TOTA, 2021, p. 135). Isso mostra que a visão construída sobre o papagaio não se chocava frontalmente com os interesses do Estado Novo. Sabe-se que, após o alinhamento aos Estados Unidos, o OCIAA trabalhava com apoio e sob demandas também do Departamento de Imprensa e Propaganda brasileiro (cf. VALIM, 2017). Este órgão explicitava orientações específicas sobre o que os artistas enviados pelo OCIAA deveriam mostrar sobre o Brasil, como deveriam representa-lo, como aconteceu, por exemplo, com a fotógrafa Genevieve Naylor e o cineasta Orson Weells (MAUAD, 2014, p. 133-159). Quando Walt Disney veio ao Brasil ele se encontrou pelo menos duas vezes com Lourival Fontes e uma vez com Getúlio Vargas (LEITE, 2002, p. 65). O governo brasileiro o fez questão de mostrar aquilo que considerava “próprio para ser apresentado como cultura brasileira aos EUA e aos outros países que futuramente assistiriam as películas de Disney” (HERNANDEZ, 2015, p. 87; VELLOSO, 2021, p. 30). Isso quer dizer que os funcionários do Estado Novo acreditavam que seus encontros com Walt Disney proporcionariam tanto uma demanda indireta do que representar, direcionando, de certa forma, o olhar por meio do que lhes era apresentado em espetáculos, por exemplo, como também por meio de demandas explícitas. Estas diziam respeito aos elementos consonantes com o Estado Novo, principalmente na exaltação do samba, da cultura, incluindo o folclore, e da natureza como símbolos nacionais (AFONSO, 2016, p. 1-15).

Walt Disney teria se fascinado pela figura do papagaio quando conheceu o brasileiro J. Carlos e seus desenhos de bichos, incluindo papagaio, convidando-o para trabalhar em Hollywood. O chargista e ilustrador não aceitou. O tema de seus desenhos, entretanto, inspirou a equipe e deu origem ao Zé Carioca (VELLOSO, 2021, p. 31; LOREDANO, 2002, p. 84). O animal foi repaginado, uma vez que ele costumava ser representado no Brasil de um jeito irônico e/ou pejorativo. Depois que a caravana de Walt Disney deixou o Brasil, a revista *Careta* brincou exatamente com tal fato, publicando uma capa-charge, em que um papagaio mal-humorado fumava um cachimbo e arrumava as suas malas rumo à Hollywood, enquanto outros bichos tipicamente brasileiros o observavam. A legenda possui um título “Walt Disney levou o papagaio” seguido de “O macaco diz – Esse papagaio vai ser um sucesso de bilheteria; fotogênico, orador e sobretudo: impróprio para menores” (CARETA, out. 1941, s/p.).

Enquanto os estadunidenses selecionaram o papagaio para representar os brasileiros, estes utilizavam a figura daquele animal principalmente em charges, piadas e anedotas. Mas por que achamos o papagaio engraçado? O humor atribuído a ele provém de vários fatores. Os humanos se veem grotescamente imitados por um animal de voz aguda, causando riso. Tal qual uma casa de espelhos, veem sua imagem refletida e distorcida. Consideram o animal brincalhão e zombador. Também acham graça no conteúdo do que ensinam aos papagaios, que podem ser

desde sentenças comuns à palavrões e obscenidades. Após aprenderem, os papagaios repetem exaustivamente as falas e movimentos espontaneamente, dando a impressão de que os mesmos estão conversando, raciocinando.

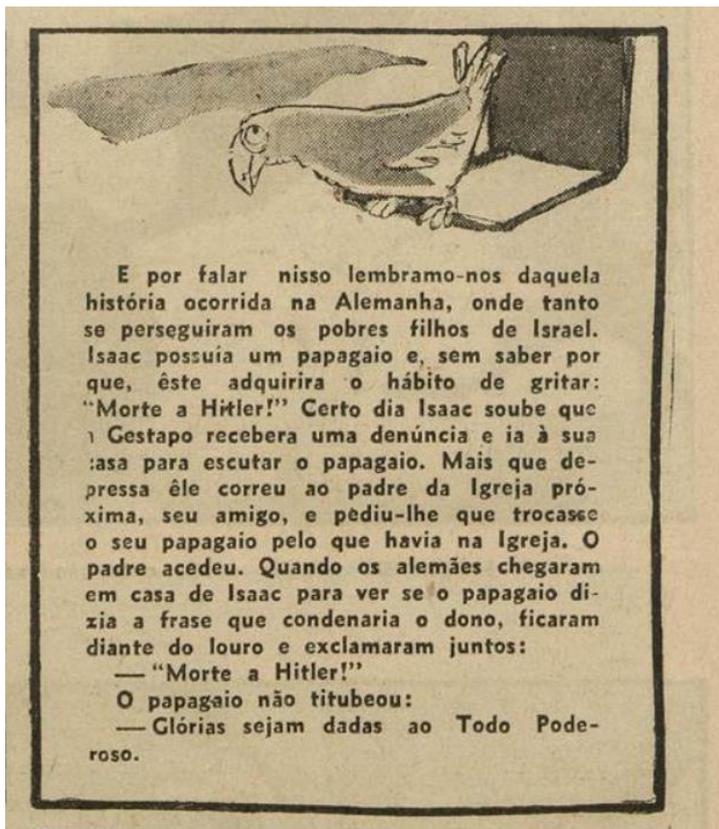
Muitas anedotas, inclusive, usam a ideia de que esses animais dialogariam com os humanos. Segundo Afonso Arinos de Melo Franco (cf. TOLEDO, 2006), a primeira anedota de papagaio sobre o Brasil seria a de Maurício de Nassau, o qual narrava um diálogo que ele mesmo teria tido com um papagaio oriundo do Maranhão. Esse diálogo foi registrado por Willian Temple e posteriormente citado pelo filósofo inglês por John Locke.

Durante a Segunda Guerra Mundial foram encontradas muitas anedotas de papagaio em revistas brasileiras de variedades, como *O Cruzeiro* (5 jan. 1945; 29 set. 1945; 24 nov. 1945), *A Cigarra* (ago. 1944; set. 1945), e *Fon-Fon* (1º abr. 1944; 25 nov. 1944). As anedotas também eram contadas no rádio, em programas como o do radialista Jorge Murad, o qual tinha um quadro chamado "Anedotas de papagaio". Este quadro obteve tanto sucesso que Murad publicou um livro com o mesmo nome (FON-FON, 1º dez. 1945). Essas anedotas colocavam o papagaio como um bicho que fala muito e sem pensar, é barulhento e imita os humanos. Por vezes, utilizavam ainda "papagaio" como um adjetivo para pessoas que compartilhassem destas características. Portanto, uma metáfora para xingamento, assim como ocorria nas charges dos parlamentares citadas anteriormente.

Um artigo cria a categoria "rapazinho papagaio", que seria aquele que "faz graça às custas dos outros e entra pelos almanaques de piadas que são adaptadas com requintado mau gosto, e às vezes nada recomendáveis para menores de 18 anos" (FON-FON, 30 out. 1943). Papagaio aparece aqui como um adjetivo para inadequado e obsceno.

No exemplar de setembro de 1945 da revista *A Cigarra* é publicada uma anedota de papagaio particularmente interessante para este artigo, pois também é relacionada à Segunda Guerra Mundial. Na parte esquerda superior do recorte, delimitado por uma margem simples, está o desenho de um papagaio em um poleiro. Logo abaixo é narrada a anedota de um homem, com nome típico de judeu, Isaac, que possuía um papagaio que gritava "Morte a Hitler". Segundo o escrito, o dono não sabia como o papagaio teria aprendido aquilo. A Gestapo teria recebido denúncia do ocorrido e o homem, para se safar, trocou o seu papagaio com o do padre. Os alemães chegaram na casa de Isaac e, para ver se a denúncia era verdadeira, gritaram a frase "Morte a Hitler" diante do papagaio, para ver se ele a repetia. O papagaio da Igreja, então respondeu com "Glória sejam dadas ao Todo Poderoso".

Figura 3 – Anegota de papagaio



Fonte: A CIGARRA, set. 1945. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

A graça da piada perde-se um pouco pela ausência de clareza nos dias atuais. Há de se ressaltar que o humor também é sócio-histórico, contextualizado. O autor pretendia provocar o riso na interpretação de que o papagaio teria, ao fim ao cabo, não só concordado com o "Morte ao Hitler" quanto dado benção aos que proclamam a execução do nazista. O "Glória..." teria, assim, sentido similar ao que nos dias atuais o "Amém" tem, ou seja, de concordar enfaticamente com uma afirmativa. O humor surgiria do fato de que a troca de papagaios de nada teria adiantado ao judeu. A sociedade brasileira daqueles anos permitiria, portando, que rissem da perseguição aos judeus.

Por ser sócio-histórico, também, muitas vezes as anedotas são de difíceis compreensão. Outra possibilidade de interpretação seria de que o papagaio confrontaria a exclamação de "Morte a Hitler" dizendo que o *Führer* seria todo poderoso e deveria ser glorificado. A frase aprendida na Igreja poderia ser apropriada com novo sentido, mudando quem seria o "Todo Poderoso". Acreditamos que tal interpretação seja menos plausível, pois, chocaria com os valores cristãos tanto do Brasil quanto da Alemanha, seria uma blasfêmia. Provavelmente, o primeiro sentido foi o intencionado e provocaria mais fácil riso. Um humor ácido, já que Gestapo era a

polícia nazista, a qual submetia os judeus à repressão e ao extermínio. O próprio início da anedota demonstra o conhecimento no Brasil pelo menos da perseguição aos judeus.⁸

Percebe-se nesta anedota que era possível rir da perseguição de judeus pelos nazistas durante os anos 1940. Não devemos ignorar o fato de que neste período também havia forte antissemitismo no Brasil. O Estado Novo não asilou judeus que fugiam do nazismo. Apesar do inimigo oficial ser marcadamente os nazistas em um governo alinhado aos Aliados, não é possível mensurar até que ponto a anedota provocaria empatia com os judeus que estavam sendo perseguidos e exterminados (cf. CARNEIRO, 1988).

As anedotas envolvendo papagaio nem sempre eram apenas obra de ficção. Em 10 de outubro de 1943 o Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP) do Rio de Janeiro enviou um ofício para o DEIP de São Paulo comunicando uma ocorrência em Niterói. A polícia daquela cidade havia prendido dois ladrões de galináceos já conhecidos por esses roubos no Rio de Janeiro. Foram encontrados com eles catorze galinhas, três canários e um papagaio, os quais foram levados para a Seção de Furtos e Roubos, aonde improvisaram um aviário, para aguardar que seus donos fossem os procurar. O documento é narrado de forma praticamente anedótica e seu desfecho merece reprodução.

Os galináceos, os canários e o papagaio não estranharam a nova residência. As galinhas cacarejam familiarmente, os canários trinam e o papagaio fala à vontade. Hoje, os policiais que montam guarda àquela Seção de Furtos e Roubos tiveram sua atenção voltada, aliás, alertada pela conhecida saudação nazista "Heil Hitler! Heil Hitler!". Foi um verdadeiro escândalo. Os policiais trataram de indagar donde provinha a saudação nazista e dirigiram-se para o local em que o papagaio se encontrava e este, sem cerimônia, repetiu a saudação agora com mais ênfase: "Heil Hitler! Heil Hitler!" O fato causou sensação. As autoridades fluminenses estão empenhadas em saber que casa os larápios roubaram o estranho papagaio, afim de chamar seu dono nazista à fula.⁹

Parece piada, mas trata-se de um ofício devidamente arquivados em encadernações das Pautas de Serviço sob cabeçalho da Agência Nacional – São Paulo – Departamento de Imprensa e Propaganda de São Paulo. Portanto, a anedota é oficial. O que faz a polícia de Niterói divulgar a notícia para o DEIP-RJ e este circular, como de costume, para os diversos DEIPs era que o caso deixava de ser apenas de furto de galinhas para enquadrar-se como crime político. Não só os ladrões detidos passavam a ser investigados, como os antigos proprietários do papagaio. O cenário é hilário de se imaginar, com os gritos do papagaio causando reboliço na delegacia. Para além de boas gargalhadas no arquivo, a anedota nos causou profunda reflexão de como a guerra se inseria em âmbitos tão diversos, tão cotidianos quanto a repetição de um papagaio.

Se o papagaio gritava, alguém lhe ensinou. Por idolatrar o *Führer* ou ainda com outro objetivo que não fosse de uma filiação política, como irritar um vizinho, por exemplo. Margarida Kortmann, descendente de imigrantes que era criança durante a guerra, conta que, em Joinville,

⁸ Sobre a postura do governo Brasileiro diante da perseguição dos judeus na Alemanha, ver o texto de Maria Luiza Tucci Carneiro (1995), "O Brasil diante do holocausto".

⁹ PROIN - Projeto Integrado. Arquivo Público do Estado e Universidade de São Paulo. Inventário DEIP, Pautas de Serviço, 10 de outubro de 1943.

diante de qualquer desentendimento as crianças xingavam umas às outras de “quinta coluna” (FÁVERI, 2002, p. 100). Ou seja, remeter-se ao nazifascismo era um termo chulo, um xingamento até para as crianças durante a guerra. Talvez o fosse também para o dono do papagaio.

Assim como desconhecemos o destino da investigação e o dono, não é possível recuperar as suas intencionalidades, o que nos impede de traçar conclusões mais precisas. Entretanto, a simples existência de um papagaio que saúda o líder alemão e a escolha de alguém de ensiná-lo justamente essas palavras ou de repeti-las no ambiente doméstico com tanta frequência que possibilitou o aprendizado da ave, demonstra como a guerra estava inserida em práticas banais e cotidianas. O que um fictício papagaio brasileiro, criado pelos estadunidenses para um filme; um fictício papagaio de um judeu na Alemanha, presente em uma anedota brasileira; e um papagaio real que gritava saudações nazistas em Niterói dizem sobre o Brasil em guerra?

A rinha de papagaios – ou sobre a disputa representacional

Os três papagaios citados neste artigo possuíam características e papéis muito distintos. Zé Carioca é criado pela Disney para ser, ao mesmo tempo, um símbolo de brasilidade e de amizade entre Brasil e Estados Unidos. Ele é ainda, em grande medida, apropriado em discursos presentes em jornais e revistas como um personagem adequado à identidade nacional conforme significada pelos estadonovistas. O papagaio da anedota aparece menos como protagonista do que como circunstância para culpar o judeu, apontando para um contexto de perseguições nazistas. De nada adiantaria tentar trocar os papagaios, o judeu continuaria sendo condenado ao fim. Aqui o pássaro aparece como bicho inconveniente e repetitivo. Seria, ainda, delator dos hábitos de seu dono mesmo que, segundo a anedota, Isaac não saberia como seu papagaio teria aprendido a gritar “Morte a Hitler”. O papagaio brasileiro apreendido pela polícia de Niterói, único destes que não é obra de ficção, também serve como delator de uma saudação nazista. Indica, assim, como a política estava profundamente inserida no cotidiano dos brasileiros durante a Segunda Guerra Mundial. Diante do enorme repertório de coisas que se poderia ensinar para um papagaio, por que saudar o líder alemão? Aqui ressalta-se a política adentrando o espaço do privado, os lares e a criação dos animais domésticos. Na mesma medida, esses mesmos espaços são alvos de investigação pela polícia política de Vargas.

Apenas com Zé Carioca o papagaio aparece como um símbolo identitário, que representa um grupo, os brasileiros. Os outros dois papagaios denunciam a existência de grupos indesejados pelo poder: os judeus na Alemanha nazista e os nazistas no Brasil do Estado Novo pós abandono da neutralidade. A disputa ultrapassa, portanto, a figura do papagaio em si, revelando uma disputa política sobre a guerra, as alianças políticas com suas defesas e perseguições. Os três casos, dessa forma, são indicadores do contexto político brasileiro durante a Segunda Guerra Mundial. Ao mesmo tempo, demonstram como a política adentrava as franjas do cotidiano estando explicitamente presente desde produções culturais, como filme de

animação e anedotas – nenhum dos dois gêneros sendo reconhecidos como dedicados à política *stricto sensu* – em práticas cotidianas, como treinar um animal doméstico/ este servir de delator para as práticas do âmbito privado. Por ser um animal tão comum na época, tanto nos lares como nas produções culturais, um papagaio que fala de política é uma ótima metonímia da guerra total, da política entrando naquilo de que é mais cotidiano.

Contexto político – ou sobre o Brasil em disputa

Tanto os países Aliados quanto do Eixo pressionavam os países neutros para se posicionarem diante da guerra e o Brasil não ficou de fora disso. Getúlio Vargas aproveitou a equidistância pragmática enquanto pode,¹⁰ barganhando tanto com a Alemanha quanto com os Estados Unidos. Ou seja, realizou aproximações alternadas e simultâneas de centros hegemônicos emergentes, mantendo uma neutralidade que permitisse relações com ambos os países.

Sendo disputado pela Alemanha e pelos Estados Unidos, aquele seria o momento ideal para conseguir planos importantes de governo, como a incipiente industrialização. Essa necessitava de financiamento do capital estrangeiro, uma vez que os cofres públicos brasileiros não contavam com fluxo suficiente. A siderúrgica brasileira, por exemplo, foi negociada ao mesmo tempo com os Estados Unidos e com a Alemanha, dando indícios que o governo Vargas fecharia negócios com a *Krupp*, empresa alemã. Os Estados Unidos exerceram grande pressão, demandando que o Brasil abandonasse o comércio com a Alemanha. Reinvidicação esta que foi negada por Vargas, o qual considerava que não seria vantajoso abrir mão de tal parceiro comercial em tempos de crise. A equidistância pragmática permitia ao Brasil realizar, ao mesmo tempo, livre comércio com os Estados Unidos e comércio compensado, ou seja, por troca e sem envolvimento da moeda forte, com a Alemanha. Esse tipo de negociação permitiu que a Alemanha se tornasse a segunda maior parceira comercial do Brasil em 1938, subindo duas posições em relação ao ano de 1934.

Em 1939, entretanto, a Inglaterra bloqueou a Alemanha, impedindo a continuidade das trocas comerciais com o Brasil. Data desse mesmo ano a virada de posição do governo Vargas, o qual finalmente assina acordo acerca da siderúrgica, mas com os Estados Unidos. No ano seguinte, o intercâmbio comercial entre Brasil e Alemanha foi reduzido a um décimo do volume de 1939. A aproximação com os Estados Unidos daí em diante se deu de forma paulatina. Em 1941, o Brasil se comprometeu a vender por dois anos exclusivamente aos norte-americanos toda a produção de certas matérias primas. Um ano depois, após submarinos do Eixo afundarem navios de carga e de passageiro brasileiros, o Brasil aliou-se aos Estados Unidos, declarou guerra ao Eixo e passou a contribuir de forma governamental com a Política da Boa Vizinhança (MOURA, 1988; CORSI, 2012; CERVO, 2001; PECEQUILO, 2011).

¹⁰ Termo criado pelo historiador Gerson Moura (1980).

Em 1940, mesmo antes do alinhamento do governo Vargas, o governo Roosevelt juntamente com o setor empresariado norte-americano criaram um órgão, *Office for Coordination of Commercial and Cultural Relations between the American Republics*, que em 1941 passou a chamar-se *Office of Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA). Os Estados Unidos pretendiam conquistar os países latino-americanos como aliados políticos, além de parceiros econômicos usando, para isso, de obras que deveriam ser vistas apenas como esforço de boa-vontade.

O OCIAA teria sido criado após um grupo de empresários norte-americanos chefiado por Nelson Rockefeller ter enviado um documento ao presidente Franklin Delano Roosevelt. Nesse, era relatada viagem do empresário à América Latina, realizada em 1937, na qual Rockefeller teria constatado forte antiamericanismo, o que acarretaria em problemas na aceitação de produtos provenientes daquele país, além do perigo da influência dos países do Eixo, principalmente da Alemanha, naquele hemisfério. O então presidente dos Estados Unidos atendeu a reivindicação dos empresários, criando, em 16 de agosto de 1940 o OCIAA e oferecendo sua presidência à Rockefeller.

As principais funções do OCIAA eram promover a Política da Boa Vizinhança, o comércio entre as Américas e conter o avanço do Eixo, o que explica a agência ser subordinada ao Conselho de Defesa Nacional dos Estados Unidos (MOURA, 1980, p. 21; MONTEIRO, 2006, p. 55; ZAGNI, 2014, p. 7). E por ser concebido como capaz de desempenhar função tão importante quanto a proteção hemisférica (e nacional), que foi mobilizado enorme quadro pessoal e capital para suas realizações. Em seus seis anos de funcionamento o OCIAA recebeu mais de 140 milhões de dólares. Ele tinha 1.100 empregados nos Estados Unidos e 200 no exterior. Contava ainda com comitês voluntários de cidadãos estadunidenses que auxiliavam em suas ações nas Américas (VALIM, 2017, p. 34).¹¹

Especificamente no Brasil, o OCIAA tinha uma divisão especial, a *Brazilian Division* (Divisão Brasileira), chefiada por Berent Friele. Ela chegou a ter 13 regionais, sendo 10 comitês (no Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Belém, Curitiba, Porto Alegre, Natal, Fortaleza e Recife) e 3 escritórios (em Florianópolis, Vitória e Manaus) (VALIM, 2017, p. 28). Contou com 107 funcionários (*Ibidem*, p. 63). A agência era intimamente ligada à embaixada dos Estados Unidos no Brasil, sendo o embaixador Jefferson Caffery constantemente citado nas documentações. A *Brazilian Division* foi muito importante no contato com Walt Disney para a criação do Zé Carioca.

Com os projetos voltados para os filmes o governo pretendia que se criasse uma imagem positiva dos Estados Unidos na América Latina e vice e versa, ao mesmo tempo em que afastassem a influência alemã e italiana. Cartazes, vídeos, mapas, caricaturas, pôsteres, fotografias de Washington e de Roosevelt eram distribuídos pelo OCIAA como parte dos esforços que visavam angariar apoio dos brasileiros e conquistar a América Latina enquanto aliada. Após

¹¹ Rabelo (2018, p. 77) apresenta números um pouco diferentes. Em sua fase auge, junho de 1943, OCIAA teria contado com 1413 funcionários, sendo 264 em outros países, 873 em Washington e 276 em outras cidades dos Estados Unidos.

1942, com o alinhamento do governo brasileiro aos Estados Unidos, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do Estado Novo passou a colaborar com o OCIAA (ver MOURA, 1988). Aquele departamento diminuiu, então, a censura aos filmes norte-americanos e cedeu cinco minutos na Hora do Brasil para pronunciamentos do OCIAA (PRUTSCH, 2010, p. 187-216). Informou, ainda, como deveria ser a fabricação de imagens do Brasil aos cineastas e fotógrafos norte-americanos, como mencionamos anteriormente (MAUAD, 2014, p. 133-159). O OCIAA também realizou o caminho inverso e levou celebridades brasileiras, como Carmem Miranda, Ary Barroso, Erico Verissimo, Olga Prager e muitos profissionais brasileiros, como professores, jornalistas, publicitários, dentre outros, em turnê aos Estados Unidos.

O OCIAA foi criado, dessa forma, como a agência voltada para a Política da Boa Vizinhaça, principal política externa do governo Franklin Delano Roosevelt para a América Latina desde sua posse, em 1933. A política visava teoricamente o abandono das intervenções militares dos Estados Unidos nas Américas, substituindo-as pelas negociações diplomáticas e comerciais. Para isso deveria ser assegurada a igualdade jurídica e a cooperação entre as nações americanas (MOURA, 1984). Na prática, era “um mecanismo de trocas de mercadorias, valores e solidificação de apoio político” (MONTEIRO, 2010, p. 13), o qual visava garantir mercados externos para os produtos estadunidenses e fornecedores de matérias primas. Em contexto de aumento progressivo do poder de países nazifascistas, a aliança com as repúblicas latino-americanas tornava-se ainda mais importante para os Estados Unidos, pois, além dos objetivos econômicos, estavam pautados os objetivos de defesa.¹² Os latino-americanos os garantiriam o fornecimento de materiais estratégicos em tempos bélicos, além da cessão de territórios para bases navais aos Estados Unidos. Mas, muito mais importante que isso, poderiam oferecer aliança ideológica.

Assistia-se mundialmente uma desilusão política com o liberalismo democrático aos moldes norte-americano, o qual já se mostrava insuficiente para resolver problemas econômicos e sociais. O próprio Estado Novo brasileiro foi uma resposta a essa insatisfação com o modelo político liberal. Os Estados Unidos temiam que os países Americanos se aproximassem do nazifascismo europeu e saíssem da zona de influência norte-americana. Os Estados Unidos defendiam, então, que deveriam proteger as Américas de mais uma ameaça do Velho Mundo, o nazifascismo. Com isso, manteriam a liderança estadunidense no hemisfério.

A penetração cultural norte-americana no Brasil foi tamanha que muitos autores chegam a acreditar que o Brasil passou por um processo de americanização – termo que rechaçamos uma vez que este tende a indicar uma suposta incorporação cultural em blocos e não a apropriação, os trânsitos – ainda que entre desiguais – e formação de uma cultura híbrida. Fato é que, durante esse período, a influência dos Estados Unidos no Brasil era visível para além da existência de políticos americanófilos, como o próprio Ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha, e atingia toda uma sedução cultural. Os filmes estadunidenses conquistavam a

¹² “Os investimentos culturais estavam comumente relacionados ao fortalecimento da segurança hemisférica e, principalmente, à aceitação da presença econômica estadunidense” (VALIM, 2017, p. 37).

preferência nacional e, com eles, uma imensa gama de práticas culturais eram divulgadas, inclusive de consumo. Os produtos daquele país faziam sucesso, recheando as revistas. A presença de bases militares norte-americanas no Brasil também contribuiu para a aproximação cultural, assim como o ensino da língua inglesa nas escolas.

Os países do Eixo, por sua vez, não deixaram de ser exercer influência sobre o Brasil mesmo após o alinhamento aos Aliados. Este país possuía o segundo maior número de membros do partido nazista, ficando atrás apenas da Alemanha (cf. LUCAS, 2021). O Brasil abrigava grande comunidade migrante italiana e alemã. Os europeus, que vieram para o país desde sua colonização, tiveram muitos incentivos para ocupar o Brasil durante os séculos XIX e XX, tanto enquanto homens de capital para investir em certas regiões, quanto como trabalhadores, substituindo trabalho que antes era feito por escravizados. A vinda de europeus para o Brasil ainda era incentivada por uma política racialista de branqueamento da população.

Isso gerou várias comunidades imigrantes no Brasil que possuíam organização comunitária própria, incluindo escolas, imprensa, sociedades recreativas, esportivas e culturais, além de preservarem a língua e os costumes "alienígenas". A manutenção dos modos de vida dos países que os imigrantes eram oriundos reforçava a crença da origem comum e gerava o sentimento de pertencimento a uma unidade, a uma identidade coletiva que diferia da brasileira. O Estado Novo combateu o pluralismo étnico por meio de uma campanha de nacionalização, a qual objetivava salvaguardar o "espírito nacional" dissolvendo, para isso, os "quistos étnicos", nome que dava às comunidades imigrantes. Os imigrantes deveriam ser assimilados e abasileirados. As dificuldades de assimilação dos alemães, bem como a resistência dessas comunidades em adotar o português como língua cotidiana, foram vistas pelo Estado Novo como o "perigo alemão", ou seja, além da contaminação cultural que causariam, existiria a possibilidade daquelas comunidades imigrantes virassem colônias da Alemanha, principalmente em contexto de Segunda Guerra Mundial (SEYFERT, 1997, p. 103-122; SEYFERT, 1994, p. 103-122; CYTRYNOWICZ, 2000).

Dentre os próprios integrantes do governo federal, havia aqueles que flertavam explicitamente com o nazismo, como o general Góes Monteiro e grande parte dos militares,¹³ Lourival Fontes, Filinto Müller, Francisco Campos e Vasco Leitão da Cunha. A considerável presença de imigrantes advindos daqueles países gerava uma aproximação com as ideias nazifascistas. Mesmo com apenas 4% dos imigrantes alemães no Brasil tendo se filiado, o partido nazista no Brasil foi o com maior número proporcional de adeptos no exterior (LUCAS, 2021). A recomendação alemã era de que membros e simpatizantes do partido nazista não participassem da política local de seus países atuais, pois, segundo Hitler, o nazismo não era produto exportável. Entretanto, essas recomendações nem sempre foram seguidas pelos membros no Brasil (cf. MAGALHÃES, 1995). Existiam também grupos como a juventude hitlerista, escolas patrocinadas pelo Eixo,¹⁴ uma rede de espionagem no Brasil (PERAZZO, 2009, p. 43), bem como

¹³ Sobre militares pró-eixo, cf. SILVA, 2012, p. 323-360

¹⁴ O DEIP-SP arquiva documento sobre uma escola nazista em Vila Mariana. Ela era mantida pela sociedade alemã, todos os livros eram em alemão. Havia fotografia de Hitler na parede. Possuía ligação também com

circulação de impressos propagandistas. Mesmo os jornais em outras línguas tendo sido proibidos pelo DIP, eles continuavam a circular, clandestinamente.

Os ataques à *Pearl Harbor* e o afundamento de navios brasileiros por submarinos alemães aumentavam a sensação de perigo, de que a guerra adentrava às Américas e, mais especificamente, ao Brasil. A ameaça nazista no Brasil, entretanto, foi inflada. Circulavam boatos e planos de invasão. No sul do Brasil haveria corrido notícias anônimas e sem confirmação sobre a possibilidade de ataques do Eixo (FÁVERI, 2002, p. 44). No final dos anos 1930 circulou o livro *O que Hitler me disse*, atribuído a um alto ex-dirigente do partido nazista e possuía um capítulo dedicado à invasão da América Latina. Nesse livro seria explicitado um suposto plano de invasão ao Brasil e de edificação de uma nova Alemanha no país. Um general da FEB, Macarenhas de Moraes, também haveria pronunciado sobre os planos da Alemanha de atacar a América e a África (CYTRYNOWICZ, 2000, p. 274-275).¹⁵ Boatos se misturavam com especulações e planos, ajudando na construção de um inimigo comum, homogeneizado pela sua origem e não pela vinculação ideológica.

Todos os estrangeiros descendentes de países do Eixo foram transformados em inimigos da pátria. O Estado Novo cometeu violências simbólicas e físicas, prisões arbitrárias e coações morais justificadas pela infração da legislação federal que proibia o uso da língua alemã (*Idem*; SEYFERT, 1997). Imigrantes foram submetidos a campos de concentração no Brasil – episódio praticamente esquecido na memória nacional. Não se tratavam, entretanto, de campos de extermínio. Dentre as diferenças entre os pelo menos 10 campos de concentração distribuídos pelo Brasil,¹⁶ eles possuíam características comuns que os permitiam serem chamados sob a mesma categoria, como existência de trabalho forçado (PERAZZO, 2004, p. 3) e a prisão política de indivíduos considerados indesejáveis, sem que os mesmos tivessem cometido crimes (*Idem*). Pretendia-se prender pessoas em que atividades políticas, espionagem ou sabotagem se tornasse evidente (PERAZZO, 2009, p. 43). Entretanto, a detenção de imigrantes no Brasil nem sempre era acompanhada de provas ou evidências de que os mesmos fossem de fato apoiadores do Eixo (FÁVERI, 2002).

Para além das interdições em campos de concentração, imigrantes italianos, alemães e japoneses sofreram com várias outras políticas do Estado Novo. Algumas delas foram a proibição

a Juventude Hitlerista. Continua descrevendo (*cf.* PROIN. Projeto Integrado, Arquivo Público do Estado e Universidade de São Paulo. Inventário DEIP, Pautas de Serviço, O Culto ao nazismo, São Paulo, 1943). Outro Exemplo é o Colégio Marconi, construído em Belo Horizonte com verba vinda diretamente do Partido Nacional Fascista da Itália e que contava em sua estrutura com símbolos fascistas, como a águia e o M de Mussolini. A escola foi expropriada durante a guerra, tornando-se um Colégio Municipal.

¹⁵ Cytrynowicz (2000) ainda reforça que não haveriam evidências documentais de planos japoneses de invasão ou ataque ao Brasil, diferente do que aconteceu nos Estados Unidos.

¹⁶ Seriam eles: Campo de Concentração de Tomé-Açu, em Acará (PA); o Campo de Concentração Chã de Estevão, em Paulista (PE); a Colônia Penal Cândido Mendes, em Ilha Grande (RJ); o Presídio de Ilha das Flores, no Rio de Janeiro (RJ); o Campo Militar para Prisioneiros de Guerra, em Pouso Alegre (MG); a Estação Experimental de Produção Animal, em Pindamonhangaba (SP); a Escola Prática de Agricultura, em Guaratinguetá (SP); a Seção Agrícola da Penitenciária de Trindade, em Florianópolis (SC); o Presídio Oscar Schneider, em Joinville (SC); a Colônia Penal Gen. Daltro Filho, em Porto Alegre (RS) (PERAZZO, 2004, p. 3).

do uso da língua mãe tanto nas conversas, quanto no ensino e nas publicações de periódicos e livros (cf. SEYFERTH, 1994, p. 103-122; SEYFERTH, 1994; CYTRYNOWICZ, 2000, p. 137); da proclamação de hinos, cantos e saudações peculiares (FÁVERI, 2002, p. 72); a exigência de permissão para viajarem – por meio de um salvo-conduto datado- e até mesmo para se mudarem de residência (FÁVERI, 2002, p. 296);¹⁷ revista às casas em busca de armas, rádios e ligações com a espionagem (*Ibidem*, p. 47; CYTRYNOWICZ, 2000, p. 142); a proibição da posse de fotografias e objetos pessoais que lembrassem o país de origem (FÁVERI, 2002, p. 331); obrigatoriedade de mudança de nome de companhias, escolas, clubes, núcleos populacionais que remetesse aos países do Eixo (SEYFERTH, 1994, p. 77; CYTRYNOWICZ, p. 147) (é nessa época, por exemplo, que o *Palestra Italia* passa-se a chamar Palmeiras e o *Società Sportiva Palestra Italia*, Cruzeiro); expropriações de companhias, principalmente de bancos e companhias aéreas pertencentes aos países do Eixo; confisco de bens dos cidadãos do Eixo (para compensar prejuízos causados aos brasileiros) (BRASIL, 11 mar. 1942; cf. CYTRYNOWICZ, 2000, p.146; FÁVERI, 2002, p. 299); regulamentação da entrada de estrangeiros e expulsão do país (FÁVERI, 2002, p. 294); censura das cartas enviadas por imigrantes (*Ibidem*, p. 306 e 308); demissões.

Ao que em um primeiro momento pode parecer uma perseguição exclusivamente governamental, contou com a colaboração dos civis, ou seja, estendia seus braços e se sustentava na vida privada. Isso porque os civis garantiam que muitas das determinações oficiais fossem cumpridas, servindo de vigias contra o dito inimigo da pátria: o estrangeiro de origem alemã, italiana ou japonesa. Pessoas comuns vigiavam e delatavam seus vizinhos e conhecidos diante de qualquer sinal considerado como traição, por exemplo, o uso da língua estrangeira, suspeita de participação em grupos políticos, etc (FAUSTO, 1995, p. 17; FÁVERI, 2002, p. 59-60, 72).

Além da vigia e denúncia – que podem ser vistas como a legitimação da justiça como papel do Estado – cidadãos brasileiros, munidos de raiva contra os estrangeiros, então considerados inimigos da pátria, por vezes assumiram o papel de justiceiros. O “fazer justiça com as próprias mãos” certamente é um argumento maquiado para o exercício da violência. Cidadãos brasileiros voltaram-se contra os descendentes de países do Eixo depredando todo o tipo de propriedade: casas, lavouras, lojas, fábricas, escolas, sedes de grupos comunitários, etc. em várias cidades do Brasil (FÁVERI, 2002, p. 35; FERREIRA, 2014).¹⁸

Diversas, então, eram as motivações para que civis praticassem atos de vigia, denúncia e vandalismo contra estrangeiros provenientes de países do Eixo: patriotismo, apoio ao Estado Novo, inveja econômica, xenofobia e até racismo quando o alvo era os japoneses. Também é preciso ressaltar o sentimento de revanchismo e de medo após afundamento de navios brasileiros. Toda essa revolta aponta para uma boa construção do inimigo comum estrangeiro –

¹⁷ A Secretaria de Segurança Pública de Santa Catarina determinou em 28 de janeiro de 1942 que os súditos de Japão Itália e Alemanha precisavam de permissão para mudar de casa e para viajar.

¹⁸ PROIN. Projeto Integrado, Arquivo Público do Estado e Universidade de São Paulo. Inventário DEIP, Pautas de Serviço, Rio de Janeiro, 10 de agosto de 1943.

que não é inimigo naturalmente, pelo contrário, os países do Eixo eram importantes parceiros comerciais do Brasil, principalmente a Alemanha, com seu comércio compensado. Houve imensos esforços institucionais do Estado Novo na produção do medo (FÁVERI, 2002, p. 71) além de uma resposta da sociedade pelos ataques sofridos.

Apesar da perseguição governamental a partir de medidas oficiais, não podemos ignorar o protagonismo de civis no combate contra o “inimigo da pátria”, os súditos do Eixo. Isso porque eles investiam tempo, energia, dinheiro (por meio da compra de bônus, por exemplo) e até mesmo trabalho no cumprimento de tarefas que não eram do âmbito particular, privado e civil, mas passava a invadi-los. A vigia dos cidadãos do Eixo e punição são ótimos exemplos de como o público passa a misturar-se com o privado em uma guerra total.

As legislações do Estado Novo varguista proibiam propaganda política de estrangeiros bem como a existência de qualquer estabelecimento de caráter político ou que recebesse verbas de pessoas, entidades ou governos estrangeiros (VALIM, 2007, p. 54). Dessa forma, a existência do OCIAA também era vetada legalmente, assim como as práticas propagandistas do Eixo. Entretanto, como já mencionamos, o DIP não só permitiu o estabelecimento do OCIAA no Brasil, com seus diversos escritórios, como também o auxiliou em muitas de suas tarefas. Portanto, ainda que fosse contra a legislação, a propaganda do *American way of life* não foi perseguida pelo Estado Novo, como ocorreu com a nazista. Essa relativização das leis é facilmente compreendida ao se pensar que Estados Unidos tornava-se aliado enquanto o Eixo passava a ser considerado o inimigo da pátria.

O cotidiano é político – ou sobre a criação de papagaios em tempos de guerra

A disputa representacional sobre papagaios faz mais sentido após identificarmos que o Brasil continuou a sofrer influências tanto dos Estados Unidos quanto alemãs, mesmo após seu alinhamento aos Aliados. Se havia um papagaio famoso que se tornava símbolo da amizade entre as Américas e que foi concebido com forte financiamento governamental dos Estados Unidos, havia também um papagaio de um civil, anônimo, que saudava o Hitler.

Entre ambos, uma anedota foi publicada em uma revista brasileira de variedades a qual conta (e ri-se) da perseguição aos judeus pelos alemães. Apesar de ter sido publicada em uma revista, fruto de uma iniciativa particular, devemos lembrar que a imprensa foi considerada pela Constituição de 1937 como serviço de utilidade pública (CAPELATO, 2009, p. 79), o que significa que deveria se ligar aos interesses nacionais. Para isso, o governo investiu em propaganda e censura. Cerca de 60% dos artigos publicados nos periódicos eram fornecidos pela Agência Nacional (*Ibidem*, p. 86) e os demais passavam pela censura prévia, o que resultou numa seleção de temáticas as quais o governo pretendia dar voz ou silenciar. Portanto, a anedota do papagaio que explicita a ação arbitrária da Gestapo sobre os judeus não foi censurada. Rir desta situação não incomodou os censores. Havia espaço para o antissemitismo na sociedade brasileira.

A disputa representacional, longe de ser limitada às relações políticas – *stricto sensu* – internacionais e diplomáticas, habitava o cotidiano: o filme de animação para as crianças; a anedota da revista de variedades; a fala do animal doméstico. A guerra estava presente nas escolhas pessoais: na vigia e denúncia dos imigrantes; nas manifestações populares revoltadas com o afundamento de navios brasileiros e pedindo a entrada do Brasil na guerra (FERREIRA, 2014); na depredação de propriedades de descendentes do Eixo, causadas por essa mesma revolta (FÁVERI, 2002, p. 35; FERREIRA, 2014; MAAKAROUN, 2004);¹⁹ no voluntariado para além dos dias convocados pelo governo, como, por exemplo, os eventos sociais em prol das forças armadas; nos alistamentos; nas formações de enfermeiras (CYTRYNOWICZ, 2000, p. 73-91); no ingresso em instituições civis militarizadas, como é o caso das legionárias, das *OFags* (MOREIRA, 2020) e dos escoteiros.

A guerra também interferiu nas práticas comerciais. No racionamento de materiais estratégicos para a guerra, como metais e borracha. Na ausência de alguns produtos importados, que tiveram o comércio interrompido pela conjuntura da guerra e dificuldade no tráfego de navios ou aviões – seja pelo perigo de ataques marítimos, seja pelo redirecionamento dos meios de transporte para fins bélicos. No fim do comércio com países inimigos. No racionamento de alimentos e combustíveis. Na expropriação de empresas estrangeiras. Na suspensão de certos direitos trabalhistas.

Todas estas ações governamentais afetavam diretamente o cotidiano dos brasileiros, não foram letra fria em papel. Afetaram as práticas sociais de consumo, a relação do corpo com os objetos, motivaram a mudança de hábitos alimentares, horários, rotinas. Inclusive, as produções culturais tomaram tonalidades bélicas durante a guerra, com imensa produção de músicas, filmes, poesias, artigos de revistas, publicidades, moda e até mesmo brincadeiras infantis. Tanto por demanda oficial quanto por iniciativa particular, a guerra tornava-se assunto da ordem do dia.

Percebemos, então, que em momentos de crise ocorre um alargamento da esfera pública e temas diretamente do âmbito da política *stricto sensu* ganham centralidade na discussão e representação cotidiana. A existência desse cotidiano militarizado se imbrica com uma **cultura de guerra** (cf. CARVALHO, 2022),²⁰ ou seja, a cultura ganha tons bélicos e ajuda por dissolver as fronteiras entre o *front* interno e externo, característica fundamental de uma guerra total. Entendemos aqui cultura tanto como produções culturais como também pelo próprio “conjunto de códigos, convenções simbólicas e programações sociais de comportamento, com as quais as sociedades humanas se comunicam, compreendendo-a não somente como a transmissão de

¹⁹ Ver também: PROIN. Projeto Integrado, Arquivo Público do Estado e Universidade de São Paulo. Inventário DEIP, Pautas de Serviço, Rio de Janeiro, 10 de agosto de 1943 ; e FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, Centros de Estudos Históricos e Cultura. A colonização alemã no Vale do Mucuri, 1992, p.104. Disponível em: <http://bibliotecadigital.mg.gov.br/consulta/consultaDetalheDocumento.php?iCodDocumento=47283>. Acesso em: 10 ago. 2020.

²⁰ Trabalho melhor de forma mais aprofundada a noção de *cultura de guerra* em minha tese, aplicando-a a outras produções socioculturais. Ver CARVALHO, 2022.

mensagens conscientes, mas como todo o processo de produção de sentido” (MONTEIRO, 2006, p. 17).

A existência desses três papagaios é possibilitada – ao mesmo tempo em que alimenta – esta cultura de guerra. É um exemplo claro do cotidiano tomando tons bélicos e se inserindo em discussões políticas. O papagaio, uma ave que tanto remete ao Brasil, entra em disputa na representação tanto do outro sobre o “nós” – como é o caso do Zé carioca, o papagaio brasileiro criado pelos estadunidenses – quanto sobre o “outro” – o papagaio do judeu na Alemanha presente numa anedota em revista brasileira. Adentra a franja do cotidiano, ao apresentar um papagaio que foi treinado ou repete um quadro do cotidiano de seu dono. Saudar o Hitler no Brasil tornou-se, literalmente, conversa de papagaio. Portanto, foge apenas de representações nos meios de comunicação e demonstra os usos sociais da guerra, um alargamento da esfera pública. Muitos detalhes nos fogem, mas nossas fontes nos permitem afirmar que a guerra foi assunto da ordem do dia no Brasil, o que nos demonstra a relevância dos três casos.

Nossas fontes ainda ressaltam a existência de grupos em disputa. Uma disputa política e enquanto tal, também representacional. Zé Carioca representa uma brasilidade conforme vista pelo outro, estadunidense, que combate a aproximação ao Eixo, buscando conquistar brasileiros também pela via cultural. Ao mesmo tempo, é fruto de negociações com atores brasileiros e seu significado também é construído a partir da circulação de artigos, peças publicitárias e críticas nacionais em revistas de variedades que associam o filme às características identitárias consonantes com os ideais estadonovistas. O papagaio do Isaac nos mostra que era possível rir da perseguição nazista aos judeus no Brasil de Vargas, enquanto era explicitada a perseguição orquestrada pelos nazistas. O papagaio de Niterói, por sua vez, aponta para a permanência de grupos nazistas no Brasil pós alinhamento aos Aliados, em confronto com a proibição estadonovista. Cada um dos grupos mencionados, por sua vez, possuía visões de mundo em disputa.

Percebemos, portanto, que a Segunda Guerra Mundial foi presente, cotidiana na vida dos brasileiros e modificou muitas de suas práticas sociais: de produções culturais às brincadeiras infantis; de fala de papagaio aos racionamentos. Houve, portanto, um alargamento da esfera pública, em que assuntos da política *stricto sensu* tornam-se pauta da ordem do dia, mudam a forma de ser, estar, consumir, se relacionar e agir no mundo.

Desconsiderar que a Segunda Guerra Mundial foi sentida no Brasil, ainda que de forma completamente diferente do que na Europa, para nós, aponta para o ignorar do cotidiano como matéria do político, ou seja, esvaziar de vivência os eventos históricos (CARDOSO, 2013, p. 24).²¹ Perceber as extensões da guerra no cotidiano e do cotidiano na guerra é reafirmar a existência de uma guerra total. É também reafirmar que política e sociedade não possuem fronteiras tão sólidas e indissolúveis. Um evento histórico pode mudar toda nossa forma de ação

²¹ Fernando Henrique Cardoso (2013, p. 24) demonstra como Freyre ao escolher o cotidiano como seu recorte para as análises históricas rompe com a dimensão então usual de “desconhecer o peso da rotina e sublinhar os fatos que são mais significativos, e portanto, esvaziá-los de vivência”. Cardoso conclui que é pouco usual o trabalho com o cotidiano, o que o autor considera que deveria ser mudado.

e comportamento: as arquiteturas das casas, a língua, os hábitos de consumo, alimentares, trabalhistas, as roupas, as representações, a criação dos papagaios...

Por meio da figura desses três papagaios foi possível perceber disputas políticas, observar a linguagem que usavam, as comunidades de debate que pertenciam, os programas de ação que as construíram e o contexto do qual faziam parte. Complexificar, portanto, como as disputas políticas também operam no âmbito das representações. Segundo Backzo, crises ou traumas sociais são importantes momentos para a criação ou ressignificação de mitos e imaginários sociais (BACZKO, 1985, p. 310 e *seg*, 320 e *seg*). Percebemos, igualmente, durante a Segunda Guerra Mundial, interessantes (re)formulações de representações que movimentam imaginários políticos, adentrando nas tramas mais cotidianas da sociedade brasileira.

Referências bibliográficas:

Fontes

PROIN. Projeto Integrado. Arquivo Público do Estado e Universidade de São Paulo. Inventário DEIP, Pautas de Serviço, O Culto ao nazismo, São Paulo, 1943.

PROIN. Projeto Integrado. Arquivo Público do Estado e Universidade de São Paulo. Inventário DEIP, Pautas de Serviço, Rio de Janeiro, 10 de agosto de 1943.

PROIN. Projeto Integrado. Arquivo Público do Estado e Universidade de São Paulo. Inventário DEIP, Pautas de Serviço, São Paulo, 10 de outubro de 1943.

HEMEROTEXA DIGITAL BRASILEIRA DA BIBLI]OTECA NACIONAL [ONLINE]

A Cigarra, São Paulo, 1917-1975. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=003085&pesq=&pagfis=1>. Acesso em: jul. 2022.

Careta, Rio de Janeiro, 1909-1964. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=083712&pesq=&pagfis=1>. Acesso em: jul. 2022.

Fon Fon: Semanario Alegre, Politico, Critico e Espusiante, Rio de Janeiro, 1907-1958. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=259063&pesq=&pagfis=1>. Acesso em: jul. 2022.

O Cruzeiro: Revista, Rio de Janeiro, 1928-1985. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=003581&pesq=&pagfis=1>. Acesso em: jul. 2022.

Legislação

BRASIL. Poder Executivo. Presidência da República. 1942. "Decreto 4.166 de 11 de março de 1942. Dispõe sobre as indenizações devidas por atos de agressão contra bens do Estado Brasileiro e contra a vida e bens de brasileiros ou de estrangeiros residentes no Brasil". Diário Oficial da União, Seção 1, 12 mar. 1942, p. 3918 (Publicação Original). Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4166-11-marco-1942-414196-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: out. 2022.

Bibliografia

AFONSO, Eduardo José. Como se cria um estereótipo: Walt Disney no Brasil. *Anais do XIII Encontro Estadual de História (ANPUH-SP) – História: por que e para quem?*. Assis, ANPHU SP, 2016, p. 1-15.

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In. LEACH, Edmund *et al.* *Anthropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena: propaganda política no Vargasismo e no Peronismo*. Campinas: Papyrus, 2009.

CAPELATO, Maria Helena Rolim; DUTRA, Eliana Regina de Freitas. Representação política. O reconhecimento de um conceito na historiografia brasileira. In. CARDOSO, Ciro Flamarion;

- MALERBA, Jurandir (Org.). *Representações*: contribuições a um debate transdisciplinar. Campinas: Papirus, 2000, p. 229.
- CARDOSO, Fernando Henrique. Livros que inventaram o Brasil. *Novos Estudos*, CEBRAP, São Paulo, n. 37, nov. 1993.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. O Brasil diante do holocausto. In. COGGIOLA, Osvaldo (Org.) *Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico*. São Paulo: Samã, 1995.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O anti-semitismo na Era Vargas: 1930-1945*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CARVALHO, Marina Helena Meira. *A guerra aconteceu aqui: cotidiano, cultura e publicidade*. In. *Razões para o sacrifício: as justificativas para a guerra em anúncios comerciais de revistas brasileiras e norte-americanas (1942-1945)*. 2022. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.
- CERVO, Amado Luiz. *Relações internacionais da América Latina: velhos e novos paradigmas*. Brasília: IBRI, 2001.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural – Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In. *À Beira da Falésia – A História entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.11-13.
- CORSI, Francisco Luiz. O projeto de desenvolvimento de Vargas, a missão Oswaldo Aranha e os rumos da economia brasileira. In. BASTOS, Pedro Zahluth & FONSECA, Cezar Dutra (Orgs.). *A Era Vargas: desenvolvimentismo, economia e sociedade*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.
- CRUZ, Luiz Antônio Pinto; ARAS, Lina Maria Brandão. "A guerra já chegou entre nós!". O cotidiano de Aracaju durante a guerra submarina (1942/1945). *XXVII Simpósio Nacional de História da ANPUH*, ANPUH-RN, Natal, 2013, p. 2.
- CYTRYNOWICZ, Roney. A serviço da pátria: a mobilização das enfermeiras no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 73-91, jun. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/5BhQR8MSNJdYFzKHPWWhntt/?lang=pt#:~:text=O%20envio%20de%2073%20enfermeiras,montagem%20de%20um%20front%20interno>. Acesso em 6 ago. 2021, p. 73-91. Acesso em: jul. 2022.
- CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Edusp, 2000.
- DIDI-HUBERMAN, Quando as imagens tomam posição. In. DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1998.
- FAUSTO, Boris. Lembranças da guerra na periferia. *Revista USP*, Universidade de São Paulo, São Paulo, n. 26, junho/agosto 1995.
- FAVÉRI, Marlene de. *Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra Mundial em Santa Catarina*. 2002. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.
- FERREIRA, Jorge. Contra a guerra, vamos à guerra. As manifestações populares no Rio de Janeiro nos dias 18 e 19 de agosto de 1942. In. FERREIRA, Jorge (Org.). *O Rio de Janeiro nos jornais: ideologias, culturas políticas e conflitos sociais (1930-1945)*. Rio de Janeiro: Viveiro de Castro, 2014.
- FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, Centros de Estudos Históricos e Cultura. *A colonização alemã no Vale do Mucuri*, 1992, p. 104. Disponível em:

- <http://bibliotecadigital.mg.gov.br/consulta/consultaDetalheDocumento.php?iCodDocumento=47283> Acesso em: 10 ago. 2020.
- HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visões do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 2ª Edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1969.
- LEITE, Sidney Ferreira. Walt Disney: política e indústria do entretenimento. *Comunicare*, São Paulo, v. 2, ed. 1, 1º semestre 2002. p. 59-69.
- LENHARO, Alcir. *A sacralização da política*. Campinas: Papirus, 1986.
- LOCASTRE, Aline Vanessa. *Projection of Brazil for the Post-War: The 'Good Neighbor' in Brazil according to U.S. magazine Em Guarda (1941-1945)*. 2012. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pós-Graduação em História Social, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.
- LOREDANO, Cássio. *O Bonde e a Linha: um perfil de J. Carlos*. São Paulo: Editora Capivara, 2002.
- LUCAS, Taís Campelo. Nazistas longe de Hitler: o Partido Nazista no Brasil. In. *Café História* (Site) – história feita com cliques. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/o-partido-nazista-no-brasil/>. Acesso em 23 dez. 2021.
- MAAKAROUN, Bertha. Justiça revela histórias de imigrantes demitidos em BH na Segunda Guerra Mundial. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 26 de abril de 2004. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/04/26/interna_gerais,522833/justica-revela-historias-de-imigrantes-demitidos-em-bh-na-segunda-guerra-mundial.shtml Acesso em 10 ago. 2020.
- MAGALHÃES, Marionilde Dias B. de. A Alemanha no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. In. COGGIOLA, Osvaldo (Org.) *Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico*. São Paulo: Samã, 1995.
- MAUAD, Ana Maria. Fotografia e a cultura política nos tempos da Política da Boa Vizinhaça. *Anais do Museu Paulista*, Museu Paulista, São Paulo, v. 22. n. 1, p. 133-159, jan.- jun. 2014.
- MONTEIRO, Érica Gomes Daniel. *A guerra como slogan: visualizando o Advertising Project na propaganda comercial da revista Seleções do Reader's Digest (1942-1945)*. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- MONTEIRO, Érica Gomes Daniel. *Quando a guerra é um negócio: a cooperação das empresas privadas norte-americanas nos projetos desenvolvidos pelo governo F. D. Roosevelt para a América Latina no contexto da II Guerra Mundial*. 2012. Tese (doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- MORAES, Isaias Albertin. Análise do discurso e uso dos meios de comunicação na política externa da Boa Vizinhaça. *Seminário: Ciências Sociais e Humanas*, Londrina, v. 33, nº 2, p. 123-136, jul/dez 2012.
- MOREIRA, Rosemeri. As auxiliares de guerra da "Nação Armada" (1942-1945). *Varia História*, Belo Horizonte, vol, 36, n. 72, p. 815-858, set./dez. 2020.
- MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência: A política externa brasileira de 1932 a 1945*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- MOURA, Gerson. *Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana*. 5. ed. Coleção Tudo é História. São Paulo: Brasiliense, 1988.

- NYE Jr, Joseph S. *O paradoxo do poder americano*: por que a única superpotência do mundo não pode prosseguir isolada. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- NYE Jr, Joseph S. *Soft power: the means to success in world politics*. New York: Public Affairs, 2004.
- OSTOS, Natascha Stefania Carvalho de. *Sociabilidade parlamentar em cena*: atores políticos, cotidiano e imprensa na cidade do Rio de Janeiro (1902-1930). 2014. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.
- PECEQUILO, Cristina Soreanu. *As relações Brasil – Estados Unidos*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2011.
- PERAZZO, Priscila Ferreira. Prisioneiros de guerra: a reclusão dos imigrantes indesejáveis (Brasil: 1942-1945). *Seminários, Imprensa Oficial do Estado SP*, São Paulo, v. 3, p. 45-51, 2004.
- PERAZZO, Priscila Ferreira. Prisioneiros, direitos e guerra no Brasil de Vargas (1942-1945). *Esboços*, Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, v. 16, p. 41-53, 2009.
- PEREIRA, Márcio José. Curitiba e a “guerra do cotidiano”: as políticas de mobilização social e a criação de um ‘front interno na capital paranaense durante a Segunda Guerra Mundial. *Anais Eletrônicos do VII Congresso Internacional de História da Universidade Estadual de Maringá*, Maringá, 2015, p. 1-12.
- PRUTSCH, Ursula. Americanization of Brasil or a pragmatic wartime alliance? The politics of Nelson Rockefeller’s Office Inter-American Affairs in Brazil during World War II. *Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultural Jurídica*, Rio De Janeiro, v. 2, n. 4, maio-agosto 2010.
- RABELO, Fernanda Lima. *A Hollywood da Boa Vizinhança*: imagens do Brasil em documentos norte-americanos da Segunda Guerra. Jundáí: Paco, 2018.
- ROSENBERG, Emily S. *Spreading the American Dream: American Economic and Cultural Expansion, 1890-1945*. New York: Hill and Wang, 1982.
- SANTOS, Roberto Elísio dos. *Para reler os quadrinhos Disney*: linguagem, evolução e análise de HQs. São Paulo: Paulinas, 2002
- SALDIER, Darlene J. *Americans all: good neighbor cultural diplomacy in World War II*. Austin: University of Texas Press, 2012.
- SEYFERT, Giralda. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. *Mana: estudos de antropologia social*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 95-131, 1997.
- SEYFERT, Giralda. Identidade étnica, assimilação e cidadania: a imigração alemã e o Estado Brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 9, n. 26, p. 103-122, 1994.
- SILVA, Lígia Osório. A “política do Exército” no primeiro governo Vargas 1930-1945 In. BASTOS, Pedro Zahluth & FONSECA, Cezar Dutra (Org.). *A Era Vargas: desenvolvimentismo, economia e sociedade*. São Paulo: Editora Unesp, 2012. p. 323-360.
- TEIXEIRA, Dante Martins. Com o diabo no corpo: os terríveis papagaios do Brasil colônia. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material* [Online], Museu Paulista São Paulo, 2017, v. 25, n. 1, p. 87-126. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-02672017v25n0104>>. Acesso em 23 dez. 2021
- TOLEDO, Roberto Pompeu de. Papagaio! A tradução ornitológica da nacionalidade. *Revista Piauí*, São Paulo, Ed. 1, out. 2006. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/papagaio/>. Acesso em 23 dez. 2021.
- TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor*: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

AMACIO, Tunico. *O Brasil dos gringos: imagens no cinema*. Niterói: Intertexto, 2000.

VALIM, Alexandre Busko. *O Triunfo da persuasão: Brasil, Estados Unidos e a Política da Boa Vizinhaça durante a II Guerra Mundial*. São Paulo: Ed. Alameda, 2017.

VELLOSO, Carlos José Serpa. *Trabalhador ou malandro?: usando o personagem Zé Carioca para entender a construção do trabalhismo no Estado Novo*. 2012. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Pós-Graduação em Ensino de História, UniRio, Rio de Janeiro, 2012.

VENANCIO, Giselle. Roger Chartier (1945-). In. PRADA, Maurício (Org.). *Os historiadores clássicos da História* (vol. 3): de Ricoeur a Chartier. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes/PUC-Rio, 2014.

ZAGNI, Rodrigo Medina. O Escritório para Assuntos Interamericanos e a gerência das políticas culturais para a América Latina durante a Segunda Guerra Mundial. *Anais do XI Encontro Internacional da ANPHLAC*, Associação Nacional de Pesquisadores e Professores de História das Américas (ANPHLAC), Niterói, 2014.